

daquela alma pura e simples, santificada pelos mais acerbos sofrimentos.

V

O CAMINHO EXPIATÓRIO

Enquanto Célia cumpre a sua missão de caridade á luz do Evangelho, voltemos á Roma, onde vamos encontrar os nossos antigos personagens.

Dez anos haviam corrido na esteira infinita do tempo, desde que Helvídio Lucius e familia haviam experimentado as mais singulares viravoltas do destino.

Apesar-de dissimularem as amarguras no meio social em que se agitavam, Fábio Cornélio e família sentiam o coração inquieto e angustiado, desde o dia infaus- to em que a filha mais moça de Alba Lucínia se ausentara para sempre, pelas injunções dolorosas do seu desditsoso destino. Na intimidade comentava-se, ás vezes, o que teria sido feito daquela que Roma relembrava tão sómente como se fôra uma querida morta da família. A espôsa de Hilvídio, essa, remoía os mais tristes padecimentos morais, desde a manhã fatal em que fôra científica dos fatos ocorridos com a filhinha.

Nos seus traços fisionómicos, Alba Lucínia não apresentava mais a jovialidade franca e a espontaneidade de sentimentos que sempre deixara transparecer nos dias felizes, em que o seu semblante parecia prolongar, indefinidamente, as linhas graciosas da primeira mocidade. Os tormentos íntimos vincevam-lhe as faces numa expressão de angústia recalcada. Nos olhos tristes parecia vagar um fantasma de desconfiança, que a perseguia por toda a parte. Os primeiros cabelos brancos, filhos do seu espírito atormentado, figuravam-lhe na fronte como dolorosa moldura da sua virtude sofredora e desolada. Nunca pudera esquecer a filha idolatrada, que surgia no quadro de sua imaginação afetuosa, errante e aflita sob os signos tenebrosos da maldição doméstica. Por muito que a encorajasse a palavra amiga e carinhosa do es-

pôso, que tudo fazia por manter inflexivel a sua fibra corajosa e resoluta, moldada nos princípios rígidos da família romana, a pobre senhora parecia sofrer indefinidamente, como se uma enfermidade misteriosa a conduzisse traíçoeiramente para as sombras do túmulo. De nada valiam as festas da Corte, os espetáculos, os lugares de honra nos teatros ou nos divertimentos publicos.

Helvídio Lucius, se bem fizesse o possível por ocultar as proprias mágoas, buscava levantar, em vão, o ânimo abatido da companheira. Como pai, sentia, muitas vezes, o coração torturado e aflito, mas procurava fugir ao seu proprio íntimo, tentando distraír-se no turbilhão das suas atividades políticas e nas festas sociais, onde comparecia habitualmente, levado pela necessidade de escapar ás meditações solitárias, nas quais o coração paterno mantinha os mais acerbos diálogos com a razão preconceituosa do mundo. Assim, sofria intensamente, entre a indecisão e a saudade, a energia e o arrependimento.

Muitas mudanças se haviam operado em Roma, desde o evento doloroso que lhe mergulhara a família em sombras espessas.

Elio Adriano, apôs muitos atos de injustiça e残酷, desde que transferira a Corte para Tibur, havia partido para o Além, deixando o Império nas mãos generosas de Antonino, cujo governo se caracterizava pelos feitos de concórdia e de paz, na melhor distribuição de justiça e de tolerância. O novo Imperador, contudo, conservava Fábio Cornélio como um dos melhores auxiliares da sua administração liberal e sábia. Ao antigo censor agradava, sobremaneira, essa prova da confiança imperial, salientando-se que, na sua velhice decidida e experimentada, mantinha-se em posição de franca ascendência perante os próprios senadores e outros homens de Estado, obrigados a lhe ouvirem as opiniões e pareceres.

Um homem havia que cresceria muito na confiança do antigo censor, tornando-se o seu agente ideal em todos os serviços. Era Silano. Satisfeito por cumprir uma recomendação afetuosa do seu velho amigo de outros tempos, Fábio Cornélio fizera do antigo combatente das

Gállias um oficial inteligente e culto, a quem prestavam o máximo de honrarias. Silano representava, de algum modo, a sua força de outra época, quando a senetude não se aproximava, obrigando o organismo ao mínimo de aventuras. Para o velho censor, o antigo recomendado de Cnéio Lucius era quasi um filho, em cuja virilidade poderosa sentia êle o prolongamento das suas energias. Em todas as empresas, ambos se encontravam sempre juntos, para a execução de todas as ordens privadas de Cesar, criando-se entre os seus espíritos a mais elevada atmosfera de afinidade e confiança.

Ao lado dos nossos personagens, um havia que se fechava em profundo enigma. Era Claudia Sabina. Desde a morte de Adriano, fôra relegada ao ostracismo social, recolhendo-se de novo ao anonimato da plebe, de onde emergira para as mais altas camadas do Império. De suas aventuras, ficara-lhe a fortuna monetaria, que lhe permitia residir onde lhe aprouvesse, com todas as comodidades do tempo. Desgostosa, porém, com o retraiamento absoluto das amizades espetaculosas dos bons tempos de prestígio social, adquiriria pequena chácara nos arredores de Roma, num modesto suburbio entre as Vias Salária e Nomentana, onde passou a viver entregue ás suas dolorosas recordações.

Não faltavam boatos acerca-de suas atividades novas e algumas de suas mais antigas relações chegavam afiançar que a viúva de Lóllio Urbico começava a entregar-se ás práticas cristãs, nas catacumbas, esquecendo o passado de loucuras e desvios.

Na verdade, Claudia Sabina tivera os primeiros contactos com a religião do Crucificado, mas sentia o coração assaz intoxicado de ódio para identificar-se com os postulados de amor e singeleza. Decorridos dez anos, não conseguira saber o resultado real da tragédia que armara na esteira do seu destino. Vivera com a terrível preocupação de reconquistar o homem amado, ainda que para isso tivesse de movimentar todos os bastidores do crime. Seus planos haviam fracassado. Sem o apoio de outros tempos, quando o prestígio do marido lhe propiciava uma turba de aduladores e de servos, nada conse-

guira, nem mesmo a palavra de Hatéria, que, amparada por Helvídio, retirara-se para o seu sítio de Benevento, onde passou a viver na companhia dos filhos, com a máxima prudencia, necessária á propria segurança.

Claudia Sabina encontrara algum confôrto para o remorso que lhe mordia a alma, mas não poderia nunca, a seu ver, conciliar o seu ódio e o seu orgulho inflexíveis com a exemplificação daquele Jesus crucificado e humilde, que prescrevera a humildade e o amor como fulcro de todas as venturas terrenas.

Debalde ouvira os pregadores cristãos das assembléias a que comparecera com a sua curiosidade sôfrega. As teorias de tolerancia e penitencia não encontraram éco no seu espírito intoxicado. E, sentindo-se desamparada no íntimo, com as penosas recordações do passado criminoso, a antiga plebéia julgava-se folha solta, ao sabor dos ventos impetuosos. De quando a quando, entretanto, assaltava-a o pavor da morte e do Alem desconhecido. Desejava uma fé para o coração exausto das paixões do mundo; mas, se de um lado estavam os antigos deuses, que lhe não satisfaziam ao raciocínio, do outro estava aquele Jesus imaculado e santo, inacessivel aos seus anseios tristes e odiosos. Por vezes, lagrimas amargas aljofravam-lhe os olhos escuros e contudo, bem percebia que aquelas lágrimas não eram de purificação mas de desespêro, irremediavel e profundo. Carregando no íntimo o esquife pesado dos sonhos mortos, Cláudia Sabina penetrava no crepúsculo da vida qual naufrago cansado de lutar com as ondas de um mar tormentoso, sem a esperança de um porto, na desesperação do seu orgulho e do seu ódio nefandos.

O ano de 145 corria calmo, com as mesmas recordações amargas dos nossos amigos, quando alguém, nas primeiras horas da manhã de um soberbo dia de primavera, batia á porta de Helvídio com singular insistencia.

Era Hatéria, que, em singulares condições de magreza e abatimento, foi levada ao interior e recebida por Alba Lucínia, com simpatia e agrado.

A antiga serva parecia extremamente aflita e per-

turbada, mas expunha com clareza os seus pensamentos. Solicitou á antiga patrôa a presença de seu pai e do espôso, afim-de explanar um assunto grave.

A consorte de Helvídio conjecturou que a mulher desejava falar particularmente de algum assunto de ordem material, que a interessasse em Benevento.

Diante de tanta insistência, chamou o velho censor que, desde a morte de Júlia, passara a residir em sua companhia, convidando igualmente o espôso a atender á solicitação de Hatéria, que lhes granjeara, desde o drama de Célia, singular consideração e especial estima.

Com espanto dos três, a serva pedia um compartimento reservado, de modo a tratar livremente do assunto.

Fábio e Helvídio julgaram-na demente, mas a dona da casa os obrigou a acompanhá-las, afim-de satisfazer o que julgavam mero capricho.

Reunidos num gracioso cubículo junto do tablínio, Hatéria falou nervosamente, com intensa palidez no semblante:

— Venho aqui fazer uma confissão dolorosa e terrível e não sei como deva expôr meus crimes de outrora!... Hoje, sou cristã e perante Jesus preciso esclarecer aos que me dispensaram, no passado, uma estima dedicada e sincera...

— Então — perguntou Helvídio, julgando-a sob a influencia de uma perturbação mental — és hoje cristã?

— Sim, meu senhor — respondeu de olhos brilhantes, enigmáticos, como que tomada de resolução extrema — sou cristã pela graça do Cordeiro de Deus, que veiu a este mundo remir todos os pecadores... Até ha pouco, preferiria morrer a vos revelar meus dolorosos segredos. Tencionava baixar ao túmulo com o mistério terrível do meu criminoso passado, mas, de um ano a esta parte, assisto ás pregações de um homem justo, que, nos confins de Benevento anuncia o reino dos céus, com Jesus Cristo, induzindo os pecadores á reparação de suas faltas. Desde a primeira vez que ouvi a promessa do Evangelho do Senhor, sinto o coração ingrato sob o peso de um grande remorso. Além disso, ensina Jesus que ninguem poderá ir a Ele sem carregar a propria cruz,

de modo a segui-lo... Minha cruz é o meu pecado... Hesitei em vir, receosa das consequências desta minha revelação, mas preferí arrostar com todos os efeitos do meu crime, pois, somente assim, pressinto que terei a paz de consciência indispensável ao trabalho do sofrimento que ha de regenerar minhalma! Depois da minha confissão, matai-me se quiserdes! Submetei-me ao sacrifício! Ordenai a minha morte!... Isso aliviaria, de algum modo a minha consciência denegrida!... No Alto, aquele Jesus amado que prometeu auxílio sacrossanto a todos os cultivadores da verdade, levará em conta o meu arrependimento e dará um consôlo ás minhas mágoas, concedendo-me os meios para redimir-me com a sua misericórdia!...

Então, ante a perplexidade dos três, Hatéria começou a desdobrar o drama sinistro da sua vida. Narrou os primeiros encontros com Cláudia Sabina, suas combinações, a vida particular de Lóllio Urbico, o plano sinistro para inutilizar Alba Lucínia no conceito da família e da sociedade romana; a ação de Plotina e o epílogo do trágico projeto, que terminou com o sacrifício de Célia, cuja lembrança embargava-lhe a voz numa torrente de lágrimas, em recordando a sua bondade, a sua candura, o seu sacrifício... Narrativa longa, dolorosa... Por mais de duas horas, prendeu a atenção de Fábio Cornélio e dos seus, que a escutavam estupefatos.

Ouvindo-a e considerando os pormenores da confissão, Alba Lucínia sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias, tomada de singular angústia. Helvídio tinha o peito opresso, sufocado, tentando em vão dizer uma palavra. Somente o censor na sua inflexibilidade terrível e orgulhosa, mantinha-se firme, embora evidenciando o pavor íntimo, com uma expressão desesperada a dominar-lhe o rosto.

— Desgraçada! — murmurou Fábio Cornélio com grande esforço — até onde nos conduziste com a tua ambição desprezível e mesquinha!... Criminosa! Bruxa maldita, como não temeste o peso de nossas mãos?

Sua voz, porém, parecia igualmente asfixiada pela mesma emoção que empolgara os filhos.

— Vingar-me-ei de todos!... — gritou o velho censor com a voz estrangulada.

Nesse instante, Hatéria ajoelhou-se a seus pés e murmurou:

— Fazei de mim o que quiserdes! Depois de me haver confessado, a morte me será um doce alívio!...

— Pois morrerás, infame criatura — disse o censor desembainhando um punhal, que reluziu á claridade do sol, através de uma janela alta e estreita.

Mas, quando a dextra parecia prestes a descer, Alba Lucínia, como que impelida por misteriosa força deteve o braço paterno, exclamando:

— Para trás, meu pai! Cesse para sempre a tragédia dos nossos destinos!... Que adianta mais um crime?...

Mas, ao passo que Fábio Cornélio cedia, atónito, marmórea palidez se estendia ao rosto da desventurada senhora, que tombou redondamente no tapete, sob o olhar angustiado do marido, pressuroso no acudí-la.

Lançando, então, um olhar de fundo desprezo á Hatéria, que auxiliava o tribuno a acomodar a senhora num largo divã, o velho censor acentuou:

— Coragem, Helvídio!... Vou chamar um médico imediatamente. Deixemos esta maldita bruxa entregue á sua sorte; — mas, hoje mesmo, mandarei eliminar a infame que nos envenenou a vida para sempre!...

Helvídio Lucius desejava falar, mas não sabia se deveria aconselhar ponderação ao sôgro impulsivo, ou socorrer a espôsa, cujos membros estavam frios e ríjos, em consequencia do traumatismo moral.

Amparando Alba Lucínia no divã, enquanto Hatéria dirigia-se ao interior para tomar as providências primeiras, Helvídio Lucius viu o sôgro ausentar-se pisando forte.

Por mais que fizesse, o tribuno não conseguiu coordenar idéias para resolver a angustiosa situação. Levada ao leito, Alba Lucínia parecia sob o império de uma força destruidora e absoluta, que não lhe permitia recobrar os sentidos. Debalde o médico administrava poções e preconisava unguentos preciosos. Fricções medica-

mentosas não deram o menor resultado. Apenas os movimentos convulsos do pesadelo acusavam a plethora de energias orgânicas. As pálpebras continuavam cerradas e a respiração opressa, como a dos enfermos prestes a entrar em agonia.

Enquanto Helvídio Lucius se desdobrava em cuidados e procurava tranquilizar-se, Fábio Cornélio dirigiu-se ao gabinete e chamando Silano em particular, falou-lhe austero:

— Mais que nunca, preciso hoje da tua dedicação e dos teus serviços!

— Determinai! — exclamou o oficial, pressuroso.

— Necessito hoje de uma diligencia punitiva, para eliminar uma antiga conspiradora do Império. Ha mais de dez anos, observo-lhe as manobras, porém, só agora consegui positivar os seus crimes políticos e resolvi confiar-te mais essa tarefa de singular relevância para a minha administração.

— Pois bem — exclamou o rapaz serenamente — dizei do que se trata e cumprirei vossas ordens com o zelo de sempre.

— Levarás contigo Lídio e Marcos, porquanto necessito auxiliar-te com dois homens de inteira confiança.

E, em voz discreta, indicou ao preposto o nome da vítima, sua residencia, condições sociais e tudo quanto pudesse facilitar a execução do sinistro mandado.

Por fim, acentuou com voz cavernosa:

— Mandarei que alguns soldados cerquem a chácara, de modo a prevenir qualquer tentativa de resistência dos fâmulos; e depois de ordenares a abertura das veias dessa mulher infame, dirás que a sentença parte de minha autoridade, em nome das novas fôrças do Império.

— Assim o farei — retrucou o emissário resoluto.

— Trata de agir com a maior urgencia. Quanto a mim, volto agora á casa, onde reclamam a minha presença. À tarde, aqui estarei para saber do ocorrido.

Enquanto Silano arrebanhava os auxiliares destinados á empresa, Fábio Cornélio regressava ao lar, onde baldos se faziam todos os recursos médicos para despertar Alba Lucínia do seu torpor estranho. Movimentando

todos os servos, Helvídio Lucius tudo fazia para despertar a companheira. Como louco, seu coração diluia-se amargamente em torrentes de lágrimas, e era improfi- cuamente que recorria ás promessas silenciosas aos deuses familiares. Enquanto Hatéria sentava-se humilde- mente á cabeceira da antiga patrôa, o tribuno desdobra- va-se em esforços inauditos e Fábio Cornélio passeava de um lado para outro, agitado, no interior de um gabinete próximo, ora esperando as melhoras da enferma, ora con- tando as horas, afim-de conhecer o resultado da comis- são sinistra.

Com efeito, de tarde, o emissário do censor, rodeado de soldados e dos dois companheiros de confiança que deveriam penetrar na residencia de Cláudia, chegara ao aprazivel sítio, arborizado e florido, onde a antiga plebéia se entregava ás suas meditações, no doloroso outono de sua vida.

A viuva de Lóllio Urbico passara o dia entregue a reflexões amargas e angustiosas. Como se uma força misteriosa a dominasse, experimentara as sensações mais tristes e incompreensiveis. Em vão, passeara pelos deliciosos jardins da principesca residencia, onde as avenidas graciosas e bem cuidadas se saturavam dos fortes perfumes da primavera. Sentimentos estranhos e intra- duziveis sufocavam-lhe o íntimo, como se o espírito es- tivesse mergulhado em amarissimos presságios. Buscou fixar o pensamento em algum ponto de referencia sen- timental e todavia o coração estava indigente de fé, qual deserto adusto.

Foi com a alma imersa em penosos cismares que viu aproximar-se, com grande surpresa, o destaca- mento de pretorianos.

Tomada de emoção, lembrando-se do que represen- tavam aquelas pequenas expedições de terror, noutros tempos, recebeu no seu gabinete o oficial que a pro- curava acompanhado de dois homens espadaúdos e atlé- ticos, com os quais trocava significativos olhares.

— Ao que devo a honra de vossa visita? — per- guntou depois de sentar-se, dirigindo a Silano um olhar de curiosidade intensa.

— Sois, de fato, a viúva do antigo prefeito Lóllio Urbico?

— Sim... — replicou a interpelada com displicencia.

— Pois bem, eu sou Silano Plautius e aqui estou por ordem do censor Fábio Cornélio, que, depois de longo processo, expediu a última sentença contra a vossa pessoa, esperando eu que saibais morrer dignamente, dada a vossa condição de conspiradora do Império!...

Cláudia ouviu aquelas palavras sentindo que o sangue se lhe gelava no coração. Uma palidez de alabastro lhe cobriu a fronte, enquanto as têmporas batiam aceleradamente. Estendeu precipitadamente as mãos a um móvel próximo, tentando utilizar uma grande campainha, mas Silano deteve-lhe o gesto, exclamando com serenidade.

— É inutil qualquer resistencia! A casa está cercada. Encomendai aos deuses os vossos últimos pensamentos!...

A esse tempo, obedecendo aos sinais convencionais, Lídio e Marcos, dois gigantes, avançavam para Cláudia Sabina, que mal se levantara, cambaleante... Enquanto o primeiro a amordaçava impiedosamente, o segundo avançou cortando-lhe os pulsos com uma lâmina acerada...

Cláudia, todavia, sentindo o horror da situação iremediável, entregava-se aos verdugos sem resistencia, endereçando, porém, a Silano um olhar inesquecível.

Fôsse, contudo, pelo pavor daquele instante inolvidável, ou em vista de qualquer emoção irresistivel e profunda, o sangue da desventurada não vasava das veias abertas. Dir-se-ia que abrasadora emoção sacudia todas as suas fôrças psíquicas, contrariando as leis comuns das energias orgânicas.

Ante o fato insólito e raramente observado nas sentenças daquela natureza, e observando o olhar angustioso e insistente que a vítima lhe dirigia, como a suplicar-lhe que a ouvisse, o oficial ordenou que Lídio

sustasse o amordaçamento, afim-de que a condenada pudesse fazer as suas recomendações e morresse tranquila.

Aliviada do arrôcho, Cláudia Sabina exclamou em voz soturna:

— Silano Plautius, meu sangue se recusa a vasar, antes que te confesse todas as peripecias da minha vida! Afasta os teus homens deste gabinete e nada temas de uma mulher indefesa e moribunda!...

Altamente impressionado, o filho adotivo de Cnéio Lucius ordenou aos companheiros se retirassem para uma sala próxima, enquanto Cláudia a sós com êle, atirou-se-lhe aos pés, com as veias gotejantes, dizendo amargamente:

— Silano, perdoa o coração miseravel que te deu a vida!... Sou tua mãe, desgraçada e criminosa, e não quero morrer sem te pedir que me vingues! Fábio Cornélio é um monstro. Odeio-o! Meu passado está cheio de sombras espessas!... Mas, quem te fez hoje um matricida, é mandatario de muitos crimes!

O pobre rapaz contemplava a vítima, tomado de doloroso espanto. Uma brancura de neve subira-lhe ao rosto, denunciando comoções íntimas; todavia, se os olhos refletiam ansiedade angustiosa, os lábios continuavam mudos, enquanto a viúva de Lóllio Urbico lhe beijava os pés, desfeita em pranto.

Então, era ali que estava o misterio do seu nascimento e da sua vida? Dolorosa emoção dominou-o e Silano prorrompeu em soluços, que lhe rebentavam do peito saturado de angústias. Desde a morte de Cnéio, vinha alimentando o deseja de esclarecer o misterio do seu nascimento. Muitas vezes projetou constituir família e sentia-se desarmado perante os preconceitos sociais, pensando no futuro da prole. Em determinadas ocasiões, experimentava o desejo de abrir o pequeno medalhão que o venerando protetor lhe confiara nas vascas da morte e, contudo, um receio atroz da verdade paralisava-lhe os propositos.

Enquanto as mais penosas reflexões lhe obumbravam o raciocínio, Cláudia de joelhos contava-lhe, deta-

lhe por detalhe, a história dolorosa da sua vida. Estarrecido ante aquelas verdades pronunciadas por uma voz que se abeirava do túmulo, Silano inteirava-se das suas primeiras aventuras amorosas, do seu encontro com Helvídio Lucius, nos tumultos aventurosos da vida mundana, da sua incerteza quanto á paternidade legitima e da resolução de confia-lo a Cnéio, onde sabia existir a mais carinhosa dedicação pelo nome de Helvídio, circunstância que garantiria ao enjeitado um ditoso porvir; dos golpes da sorte posterior desposando um homem de Estado; de suas combinações com Fábio Cornélio, em tempos idos, para a execução de sentenças iniquas no seio da sociedade romana, omitindo, porém, o drama terrible da sua vida em relação a Alba Lucínia. Sentindo que a iminencia da morte agravava o ódio pelo censor, que a determinara, e por sua família, Cláudia Sabina dando curso aos derradeiros desvios da sua alma, deixou transparecer que a morte de Lóllio Urbico, misteriosa e inesperada, fôra obra de Fábio Cornélio e seus sequazes, ávidos de sangue, afim-de acarretarem a sua ruina.

Nos últimos instantes, levada pelo negrume do seu ódio tigrino, não vacilara em arquitetar o derradeiro castelo de calunias e mentiras, para levar a desolação á família detestada.

Aquelas terríveis confidencias soavam aos ouvidos do oficial como um clamor de vinganças que reivindicassem desforços supremos. Todavia, em conciencia, não lhe bastavam apenas as emoções para identificar a verdade. Necessitava de alguma cousa que lhe falasse á razão.

Mas, como se Cláudia Sabina lhe adivinhasse os pensamentos, foi logo ao encontro das suas vacilações silenciosas:

— Silane, meu filho, Cnéio Lucius não te confiou um pequeno medalhão, que envolvi nas tuas roupinhas de enjeitado?

— Sim — disse o rapaz extremamente perturbado — trago comigo essa lembrança...

— Nunca o abriste?

— Nunca...

Nesse instante, porém, o emissário de Fábio revolveu uma bolsa que trazia sempre consigo, retirando o pequeno medalhão que a condenada contemplou ansiosamente.

— Ái dentro, meu filho — disse ela — escreví um dia as seguintes palavras: Filhinho, eu te confio á generosidade alheia com a benção dos deuses — Claudia Sabina.

Silano Plautius abriu o medalhão, nervosamente, conferindo uma por uma, todas as palavras.

Foi aí que uma comoção violenta lhe abalou todas as faculdades. Acentou-se a brancura de mármore que se lhe estampara na fronte. O olhar inquieto e triste tomou uma expressão vítreia, de pavor e assombro. As lágrimas secaram como se um sentimento lhe aflorasse nalma. Cláudia Sabina sentindo-se nos derradeiros instantes, contemplava, ansiosa, aquelas transformações subitas.

Como se houvera sentido a mais radical de todas as metamorfoses, o rapaz inclinou-se para a vítima e gritou aterrado:

— Mãe!... minha mãe!...

Nas suas expressões havia um misto de sentimentos indefiníveis e profundos; elas se lhe escapavam do peito como um grito de saciedade afetuosa, depois de muitos anos de inquietação e de angustia.

Recebendo aquela suprema e doce manifestação de carinho na hora extrema, a condenada com a voz a extinguir-se, falou:

— Meu filho, perdôa-me o passado vil e tenebroso!... Os deuses me castigam fazendo-me perecer ás mãos daquele a quem dei a vida!... Meu filho, meu filho, apesar de tudo, amo essas mãos que me trazem a morte!...

O pupilo de Cnéio Lucius inclinara-se sobre o tapete manchado de sangue. Num gesto supremo, que evidencia a sua angustia e o esquecimento do abandono materno, para considerar somente o destino doloroso que o conduzira ao matricídio, tomou nas mãos

a cabeça exâmico da condenada cujo olhar parecia, agora, rejuvilar-se com os pensamentos enigmáticos e criminosos de sua alma.

Verificou-se, então, um fenómeno interessante. Como se houvera satisfeito cabalmente o último desejo, o organismo espiritual de Cláudia Sabina abandonava o corpo terrestre. Satisfeita a sua vontade psíquica, o sangue começou a jorrar em borbotões intensos e rubros, dos pulsos abertos...

Sentindo-se nos braços do oficial, que a encarava alucinado, voltou a dizer em voz entrecortada:

— Assim... meu filho... sinto... que me... perdoas!... Vinga-me!... Fábio... Cornélio... deve morrer...

Os singultos da agonia não lhe permitiram continuar, mas os olhos enviam a Silano as mais singulares mensagens, que o rapaz interpretava com apêlos supremos de desforra e vingança.

Quando um palôr de cera lhe cobriu a fronte contraída num rictus de pavor angustiado, o mensageiro do censor abriu as portas, apresentando-se aos companheiros com a fisionomia transtornada.

Seu olhar fixo e terrível parecia de um louco. No íntimo, as mais fortes perturbações mentais premiam-lhe o espírito desolado. Sentia-se o mais ínfimo e o mais desgraçado dos sêres. Apenas com uma palavra de ordem, colocou-se á caminho, de volta ao centro urbano, enquanto os servos dedicados de Cláudia lhe amortalhavam o cadáver, entre lágrimas.

Embalde Lídio e Marcos, bem como outros pretorianos amigos lhe chamavam a atenção para êsse ou aquele detalhe da empreitada, porquanto Silano Plautius mantinha um silêncio inflexível e sombrio.

A idéia de que Fábio Cornélio lhe conhecia o passado doloroso, não vacilando em fazê-lo assassino de sua mãe, bem como as histórias caluniosas de Cláudia Sabina, á extrema hora, a respeito do censor e do seu procedimento no passado, provocavam-lhe uma perturbação cerebral intraduzível. O pensamento de que para o resto dos seus dias devia considerar-se um matricida,

atormentava-o, sugerindo-lhe os mais horríveis projetos de vingança. Dominado por sentimentos inferiores, acariciava um punhal que descansava nas armaduras, antegozando o instante em que se sentisse vingado de todos os ultrajes experimentados na vida.

Era noitinha quando penetrou no imponente edifício onde Fábio Cornélio o esperava, num gabinete soberbo e amplamente iluminado.

O velho censor recebeu-o com visível interesse e buscando isolar-se dos presentes, inquiriu-o num canto da sala:

— Então, que novas me trazes? Tudo bem?

Silano fitava-o de olhos gáseos, como presa das mais atrozes perturbações.

— Mas, que é isso? — insistia o censor extremamente conturbado — estás enférmo?!... Que teria acontecido?...

Fábio Cornélio não pôde prosseguir, porque, sem dizer palavra, qual um alucinado em crise extrema, o oficial desembainhou o punhal, céleremente, cravando-o no peito do censor, que caíu redondamente, gritando por socorro.

Silano Plautius contemplava a sua vítima com o fáceis terrível dos dementes, sem dar o mínimo sinal de responsabilidade... Na sua indiferença, via o sangue do velho político escapar-se a jorros pela ferida entre a garganta e o omoplata, enquanto o ferido, nos estertores da morte, dirigia-lhe um olhar terrível... Foi nesse instante que os numerosos guardas rodearam o antigo protegido de Cnéio Lucius, eliminando-lhe igualmente a vida em rápidos segundos. Debalde, o oficial tentou resistir aos pretorianos e outros amigos do assassinado, porque, em poucos minutos estava reduzido a frangalhos pelos golpes de espada, com que pagava a afronta ao Estado, com a perpetração do seu crime.

A notícia correu a cidade céleremente.

Assistido pelos amigos mais dedicados, Helvídio Lucius precisou invocar todas as forças para não fraquejar sob golpes tão rudes.

Dada a situação delicada em que se encontrava a

espôsa, providenciou para que os despojos sangrentos fôssem levados á residência, com especial cuidado, afim de que o quadro sinistro e doloroso não agravasse a moléstia de Alba Lucínia, na hipótese de suas melhoras, após a síncope prolongada.

Um correio célere foi despachado para Cápua, chamando Caio Fabrício e sua mulher á Roma, imediatamente.

Entre as preocupações mais acerbas e impossibilitado de comunicar o peso que lhe oprimia o coração a qualquer amigo, dadas as penosas circunstâncias familiares em jôgo, o filho de Cnéio vertia lágrimas dolorosas ao lado da espôsa entre a vida e a morte, enquanto Márcia assumia a direção de todos os protocolos sociais, em sua residência, para atender a quantos visitavam os despojos dos dois desaparecidos.

Alba Lucínia despertara e, contudo, vagava-lhe no olhar uma expressão de alheamento do mundo. Pronunciava palavras ininteligíveis, que Helvídio Lucius daria a vida para compreender. Percebia-se que ela perdera a razão para sempre. Além disso, as sincopes renovavam-se periodicamente, como se as células cerebrais, á pressão de uma força incoercível rebentassem, vagarosamente, uma por uma...

Obedecendo aos imperativos da situação, o tribuno expediu ordens para que os funerais do sôgro e do irmão adotivo se efetuassem com a celeridade possível. Tanto assim, que, antes de uma semana, chegavam da Campânia Helvídia e o espôso, sem alcançarem as cerimônias fúnebres e penetrando no lar paterno tão somente para se ajoelharem á cabeceira de Alba Lucínia, que, desde a véspera, entrara em dolorosa agonia...

A presença dos filhos constituiu para o tribuno um suave consôlo, mas, ao seu espírito dilacerado figura-se não haver consolação bastante, no mundo, para o coração humilhado e ferido.

Tocado nas fibras mais sensíveis, via agonizar a espôsa, lentamente, como se um sicário invisível lhe houvesse cravado no coração acerado punhal. Diante da morte, cessavam todos os seus poderes, todas as

suas dedicações carinhosas. Submerso num oceano de lágrimas, guardando entre as suas as mãos frias da companheira, Helvídio Lucius não abandonou o apenso, nem mesmo para atender ao apelo dos filhos recem-chegados. Pressentindo que a morte lhe arrebataria em breve a espôsa idolatrada, conserva-se á sua cabeceira, dominado pelas meditações mais atrozes.

De quando em quando, emergia do abismo de suas reflexões, exclamando amargamente como se guardasse a convicção de que era ouvido pela moribunda:

— Lucínia, pois também tu me abandonas? Desperta, ilumina de novo a minha soledade!... Se te ofendi alguma vez, perdôa-me. Mais não fiz que amar-te muito!... Vamos. Atende. Eu vencerei a morte para te guardar em meus braços! Lutarei contra todos! Junto de ti, terei forças para viver reparando os erros do passado; mas que farei sózinho e abandonado se partires para o mistério? Deuses do céu! não bastariam as ruinas do meu lar, os destroços de minha felicidade doméstica para me redimir aos vossos olhos? Tende compaixão do meu sér desventurado! Que fiz para pagar tão pesado tributo?...

E contemplando o céu, como se estivesse vislumbrando os numes que presidem os destinos humanos, apontava a espôsa agonizante, redizendo em voz abafada e dolorida:

— Deuses do bem, conservai-lhe a vida!...

Entretanto, como se as suas rogativas morressem apagadas diante de uma esfinge, Alba Lucínia desprenhia-se do mundo com uma lágrima silenciosa, ao amanhecer, enquanto os clarões rubros do sol tingiam as primeiras nuvens do céu romano, ao caricioso despontar da aurora.

Percebendo-lhe o derradeiro suspiro, Helvídio Lucius ensimesmou-se numa tristeza indizível. Nos olhos agora secos e esquisitos, perpassava uma expressão de revolta contra todas as divindades, a seu ver insensíveis aos seus padecimentos e apelos desesperados. A residencia do tribuno cobriu-se, então, de crepes negros,

enquanto a sua silhueta agoniada permanecia junto á urna magnífica que encerrava os despojos da compa-
nheira, qual sentinelas que se houvera petrificado em
desespêro.

Enérgico e impassivel, respondia aos apêlos afe-
tuosos dos amigos com monossílabos amargos, enquanto
Caio, Helvídia e a bondosa Márcia, faziam as honras
da casa.

Após uma semana de homenagens da sociedade ro-
mana, efetuaram-se os funerais da inditosa senhora, que
tombara, qual ave ferida no seu profundo amor materno,
enquanto o marido curtindo a mais angustiosa soledade
sentia-se desamparado e ferido para sempre.

Amargurada e silenciosa, Hatéria permanecera na
casa, até o instante em que os carros mortuários acom-
panharam Alba Lucínia ás sombras do sepulcro.

Empolgada pelas tragedias que a sua revelação ha-
via desfechado dentro daquele lar outrora tão feliz,
sentiu-se humilhada no mais íntimo do coração. Muitas
vezes, nas horas terríveis da agonia da ex-patrôa, diri-
gira o olhar súplice ao tribuno, afim-de verificar se lhe
perdoara, de modo a tranquilizar a conciencia abatida.
Helvídio Lucius parecia não vê-la, indiferente á sua pre-
sença e á sua vida...

Experimentando sinistro remorso, Hatéria aban-
donou a casa de Helvídio, onde se sentia como um vér-
me asqueroso, tal a angústia dos seus tristes pensamen-
tos na dolorosa noite caída sobre a casa do tribuno,
após os funerais.

Fazia frio. As sombras noturnas eram espessas,
impenetraveis como as angústias que lhe gelavam o co-
ração... A permanencia alí, porém, depois do enterrro,
não mais era possivel, em vista das amarguradas emo-
ções que lhe vibravam nalma.

A velha criada saiu então, demandando o Traste-
vere, onde possuia antigas relações de amizade. Inter-
ressante é que, no percurso pelas ruas estreitas, seguira
trajeto idêntico ao da jóven Célia, quando compelida
a abandonar o lar paterno... Depois de muito cami-
nhar, deteve-se perto da Ponte Fabricius, temendo pros-

seguir. Era quasi meia noite e as proximidades da ilha do Tibre estavam desertas. Quis retroceder, premida por uma força inexplicavel, como se pressentisse algum perigo iminente, quando dois homens mascarados aproximaram-se, quais massas escuras que se movessem rápidas entre as pesadas sombras da noite. Tentou gritar, mas era tarde. Um deles atirava-se rápido á ela, amordaçando-a fortemente.

— Lucano — dizia baixinho o desconhecido a envolver-lhe o rosto com uma toalha grossa — apalpa-a depressa! Urge terminar o serviço!...

— Ora essa — dizia o companheiro decepcionado — trata-se de uma velha desprezível!

— Não desanimes! — prosseguia o outro — palpita-me que é boa prêsa. Vamos! Essas velhas costumam trazer o dinheiro oculto no seio, quando são perigosas e avarentas!...

O bandido que tinha as mãos livres levou-as ao tórax da velha criada de Helvídio Lucius, sentindo que o seu coração batia acelerado. De fato, era ali que Hatéria guardava, numa bolsa reforçada, todo o cabedal sonante, das suas economias. Encontrando-lhe o pequeno tesouro, ambos os malfeitores aboçaram um sorriso de satisfação e, obedecendo a um sinal do companheiro, Lucano bateu fortemente na cabeça da vítima amordaçada, com uma pequena bengala de ferro, exclamando com voz sumida, quando percebeu que ela desmaiara:

— Assim, sempre é melhor! Amanhã não poderás relatar a proeza aos vizinhos, para que as autoridades nos venham incomodar.

Em seguida, arrastaram a vítima atordoada pelos golpes rijos, atirando-a sem piedade nas aguas pesadas do rio que rolava silenciosamente. Hatéria teve assim os seus últimos instantes, como a expiar o torpe delito do passado culposo.

Todavia, após examinarmos a derradeira provação da velha cúmplice de Cláudia Sabina, voltemos a seguir Helvídio Lucius na sua pesada noite de sofrimentos íntimos.

Somente no dia imediato aos funerais da mulher, conseguiu o tribuno reunir os filhos num gabinete privado, confidenciando-lhes as tristes revelações que desfecharam nos terríveis acontecimentos, aniquiladores da sua ventura para todo o sempre.

Terminada a impressionante narrativa, Caio Fabrício contou á espôsa e ao sôgro o encontro com Célia, dez anos antes, quando se dirigia á Campânia, chamado por interesses urgentes. Jamais aludira ao fato, considerando o voto formal de se lembrarem da jóven tão somente como de uma morta sempre querida. Nunca esquecera aquele quadro triste, da cunhada abandonada na solidão da noite, junto á montanha de Terracina e, muita vez, reeriminou-se pelo se haver mantido indiferente e surdo aos seus apêlos.

Helvídia e seu pai ouviam-no tomados de mágoa e assombro.

Somente aí, no exame de todos os sacrifícios da filhinha, ponderando os seus tormentos morais para isentar a família dos golpes da desventura e da calúnia, o filho de Cnéio Lucius conseguiu despertar o resquício da sua sensibilidade, para apegar-se de novo á vida. A narrativa do genro vinha indicar que Célia vivia em qualquer parte. Lembrou-se da espôsa e pôs-se a pensar que, se Alba Lucínia ainda estivesse na Terra, sentiria imenso júbilo se pudesse abraçar de novo a filha desprezada. Certamente, do céu, a companheira querida haveria de lhe orientar os passos, abençoaria o seu esforço. E um dia, quando a providencia dos deuses permitisse, a alma da espôsa lhe guiaria o coração ulcerado até á filha, para que pudesse morrer beijando-lhe as mãos.

Mergulhado nessas cogitações angustiosas, com uma serenidade triste a clarear seus planos, Helvídio Lucius conseguiu chorar de maneira a aliviar a íntima angústia. Suas lágrimas, agora que Helvídia as enxutava com carinho, eram como essas chuvas benéficas que lavam o céu, após o fragor da tempestade.

Então, como se o animasse uma esperança nova, o tribuno converteu toda as dores na preocupação do

encontrar a filhinha expulsa do lar, fôsse onde fôsse, para alivio da conciênciâ. Desejava morrer para reunir-se á companheira bem-amada, mas quisera levar-lhe tambem a certeza de que Célia reaparecera e que, de joelhos, havia suplicado o perdão da filha, a quem não pudera compreender. Com esse proposito, encaminhou-se á Campânia com os filhos de regresso á Cápua, e, depois de alguns dias de repouso, dispensando a companhia de qualquer servo, afim-de entregar-se sózinho ás investigações necessárias, partiu para o Lácio, apesar de todas as súplicas de Helvídia para que aceitasse, ao menos, a companhia do genro.

Triste e só, o velho tribuno perambulou inutilmente por todas as cidades próximas de Terracina, estacionando longo tempo junto á gruta de Tibério, a evocar as penosas recordações do genro. A despeito de todos os esforços, foi em vão que viajou a Itália inteira.

Assim que, decorrido um ano da morte de Lucínia, regressou á Roma, abatido e desolado como nunca.

Sentindo-se profundamente desamparado, era qual árvore frondosa, singularmente isolada na planicie extensa da vida. Enquanto mantinha a seu lado as outras companheiras, podia suportar os furacões violentos que desciam dos montes, mas, destruidos os troncos proximos, cuja presença a fortalecia, era agora incapaz de resistir aos ventos mais leves dos vales obscuros da dor e do destino.

Recolhido ao gabinete, recebia tão sómente a visita dos amigos mais íntimos, cuja palavra não trouxesse ao seu espírito atormentado qualquer lembrança do passado infeliz.

Um dia, porém, um escravo veiu anunciar antigo camarada da infânciâ, Rufio Propercio, cuja história amarga dos últimos tempos êle bem conhecia. Apesar das suas proprias lutas, conhecera-lhe todas as desgraças e infelizios.

Helvídio Lucius mandou-o entrar, sofregamente, como irmão de dores e martírios íntimos.

Trocadas as primeiras impressões, Rúfio Propércio advertiu:

— Caro Helvídio, depois de tão longa separação, surpreende-te a minha fortaleza moral ante as hecatombes dolorosas da existencia. Devo explicar-te o porqué da minha resignação e serenidade. E' que hoje, abandonei nossas crenças inexpressivas para apegar-me a Jesus Cristo, o Filho de Deus Vivo!...

— Será possível? — exclamou o tribuno interessado.

— Sim, hoje comprehendo melhor a vida e os sofrimentos neste mundo. Somente nos tesouros do ensino cristão encontrei a força indispensável à compreensão da dor e do destino. Só Jesus, com a sua lição de piedade e misericórdia, pode salvar-nos do abismo de nossas angústias profundas para uma vida melhor, que não comporta os enganos e desilusões amargas da Terra...

E enquanto Helvídio Lucius o ouvia, assombrado por encontrar um amigo íntimo estabilizado na fé ardente e pura, entre os escombros da época, Propércio acrescentava:

— Já que te sentes igualmente ferido pelo destino, por que não frequentar conosco as reuniões cristãs, aonde te poderia acompanhar? É bem possível que encontres no Evangelho a paz almejada e a energia imprescindível para triunfar de todos os tormentos da vida.

Ouvindo o carinhoso convite do amigo de infancia, o tribuno lembrou-se instintivamente da filha, das suas convicções. Sim, fôra o Crisitianismo que lhe dera tamanhas forças para o sofrimento e para o sacrifício. Além disso, recordou as figuras de Nestório e Ciro, que haviam caminhado para a morte sem um gemido, sem uma queixa.

— Como que cedendo a uma súbita resolução, exclamou resoluto:

— Aceito o convite. Onde é a reunião?

— Numa casa humilde, junto á Porta Appia.

— Pois bem, irei mesmo, contigo.

Rúfio despediu-se, prometendo buscá-lo á noitinha, enquanto ele passava o resto do dia em cogitações graves e profundas.

A hora convencionada, demandaram o local das assembléias humildes, onde, pela primeira vez, Helvídio Lucius ouviu a leitura do Evangelho e os comentários singelos dos cristãos. A princípio, estranhou aquele Jesus que perdoava e amava a todos, com o mesmo carinho e a mesma dedicação. Mas, no curso de numerosas reuniões, entendeu melhor o Evangelho e, apesar de lhe não sentir as lições inteiramente, admirava o profeta simples e amoroso, que abençoava os pobres e os aflitos do mundo, prometendo um reino de luz e de amor, para além das ingratas competições da Terra.

Seu esforço na aquisição da fé seguia o curso comum, quando um prégador famoso surgiu, um dia, naquele nucleo de gente simples e bondosa. Tratava-se de um homem ainda novo, inteligente e culto, de nome Saulo Antonio, que fizera da existencia um sacrossanto apostolado, no trabalho da evangelização.

Sua palavra inflamada e vibrante sobre os Atos dos Apóstolos, logo após a partida do Cordeiro para as regiões da luz, impressionara o tribuno profundamente. Pela primeira vez, escutava um intelectual, quasi sábio, a exaltar as virtudes dos seguidores do Cristo, fazendo comparações extraordinárias entre o Evangelho e as teorias do tempo, que ele se habituara a considerar como notas de evolução, inexcedíveis.

Terminada a preleção inspirada e brilhante, Helvídio acercou-se do orador, exclamando com sinceridade:

— Meu amigo, trago-lhe meus votos para que a sua palavra iluminada continue a clarear os caminhos da Terra. Desejava, porém, ouví-lo sobre uma dúvida que me nasceu ha tempos no coração.

E enquanto o prégador lhe acolhia as palavras com profunda simpatia, continuou:

— Não duvido dos atos dos Apóstolos de Jesus, mas estranho que, de ha muito tempo para cá, não haja mais, na Terra, organizações privilegiadas como a dos

antigos seguidores do Cristo, que possam aliviar nossas dores e esclarecer-nos o coração nos sofrimentos!...

— Meu irmão — replicou o orador sem se perturbar — antes de recorrermos aos intermediários, urge preparamos o coração para sentir a inspiração direta do Cordeiro. A sua objeção, porém, é muito justificável. Contudo, cumpre-me esclarecer que as vocações apostólicas não morreram para o mundo. Em toda a parte elas florem sob as bençãos de Deus, que nunca se cansou de enviar até nós os mensageiros de sua misericordia infinita.

E depois de ligeira pausa, como se desejasse transmitir uma impressão fiel de suas reminiscencias mais íntimas, Saulo Antonio acrescentou convictamente:

— Ha alguns anos, era eu inimigo acérrimo do cristianismo e dos seus divinos postulados; todavia, bastou a contribuição de uma verdadeiro discípulo de Jesus para que meus olhos se aclarassem buscando o verdadeiro caminho... Ainda hoje, lá está ele, franzino e humilde como uma flôr do céu, inaclimatável entre as urzes da Terra... Trata-se do Irmão Marinho, que, nos arredores de Alexandria constitue uma benção de Jesus, permanente e divina para todas as criaturas... Imagem do bem, personificação da perfeita caridade evangélica, vi-o curar leprosos e paralíticos, restituir esperança e fé aos mais tristes e mais empedernidos! Ao seu tugúrio miserável acorrem multidões de aflitos e desamparados, que o venerável apóstolo do Cordeiro reanima e consola com as lições profundas de amor e de humildade! Depois de peregrinar pelas sendas mais escuras, tive a dita de encontrar a sua palavra carinhosa e benevolente, que me despertou para Jesus, dos negroles do meu destino!...

Sentindo-lhe a profunda sinceridade, Hevídio Lúcius interrogou ansioso:

— E esse homem extraordinario recebe a todos indistintamente?...

— Todas as criaturas lhe merecem atenção e amor.

— Pois meu amigo — revidou o tribuno no seu íntimo desconsôlo — não obstante minha posição finan-

ceira e a consideração pública que desfruto em Roma, trago o coração acabrunhado e doente, como nunca... As lições do Evangelho têm sustentado, de algum modo, meu espírito abatido. Contudo, sinto necessidade de um remédio espiritual que, suavisando-me as dores íntimas, me leve a compreender melhor os divinos exemplos do Cordeiro... Suas referencias chegam a proposito, pois irei á Alexandria buscar a consolação dêsse apóstolo, mesmo porque, uma viagem ao Egito, nas atuais circunstancias da minha vida, far-me-á grande bem ao coração...

No dia seguinte, o filho de Cnéio Lucius deu os primeiros passos para efetuar a excursão com a presteza possível.

E antes que a galéria largasse de Óstia, começou a concentrar todas as suas esperanças naquele Irmão Marinho, cujas virtudes famosas eram veneradas de todas as comunidades cristãs e havido por emissario de Jesus, destinado a sustentar no mundo as tradições divinas dos tempos apostólicos.

VI

NO HORTO DE CÉLIA

Nos arredores de Alexandria, a filha de Helvídio havia granjeado a melhor e merecida fama de amor e bondade.

Transferida para aquela região de gente pobre e humilde, convertera todas as recordações mais queridas, bem como as suas dores mais íntimas, em hinos de caridade pura, que se evolavam ao Céu entre as bençãos de todos os sofredores infelizes.

O sofrimento e a saudade como que lhe modelaram as feições angélicas porque, no semblante calmo esbaitia-se um traço indefinivel de visão celestial... A vida de ascetismo, de abnegação e renúncia, dera-lhe um novo fácie, que deixava transparecer nos olhos, serenos e brilhantes, a pureza indefinivel dos que se encon-